

AOS ESTUDANTES PORTUGUESES



As forças empenhadas na construção de um Portugal democrático a caminho do socialismo são suficientemente poderosas para barrar o caminho ao avanço da direita e da reacção. Mas, o enfraquecimento da barreira militar defensiva da situação democrática, torna mais eminente a ameaça de conspiração reaccionária e o perigo do fascismo é muito real. A onda de terrorismo bombista actualmente em curso constitui a expressão mais visível deste perigo.

A unidade de todos aqueles, civis e militares, que se propõem enfrentar decididamente este perigo é a condição primeira e indispensável para a revolução prosseguir.

Na passagem do seu quarto aniversário a União dos Estudantes Comunistas dirige-se a todos os estudantes portugueses propondo-lhes a *unidade na acção* em torno dos seus objectivos específicos e a unidade na acção em torno dos grandes objectivos e tarefas revolucionárias.

A DIREITA TAMBÉM AMEAÇA NAS ESCOLAS!

O avanço da direita caracteriza-se em todos os domínios pela pressão tendente à recuperação do processo revolucionário pelo grande capital e latifundiários. Essa pressão manifesta-se também nas escolas.

As conquistas alcançadas pelos estudantes após o 25 de Abril estão hoje em perigo.

A *asfixia económica da Universidade* tentada no orçamento recém-publicado, juntamente com a *paralisação* a que estão votados mais de 200 mil estudantes do ensino secundário e as tentativas de impedir o funcionamento das Medicinas são exemplos que ilustram eloquentemente esta afirmação.

Quanto ao futuro, o pouco que se conhece dos planos ou dos esforços governamentais, orientam-se no sentido do regresso ao passado e de contrariar a democratização do ensino e uma verdadeira revolução cultural.

A introdução do "números clausus", o projecto da chamada "Universidade Nova" e de outras medidas selectivas na universidade andam já na boca das autoridades académicas. Sobre a gestão democrática das escolas pesam já importantes ameaças. A alfabetização retarda-se inexplicavelmente. O serviço cívico está transformado num ano de paralisação. O 1º ano unificado funciona com graves deficiências. As manobras para a reintegração de fascistas saneados intensificam-se.

Assim se procura perpetuar o obscurantismo de largas camadas do Povo Português. Assim se procura perpetuar o character elitista do ensino e da Universidade. Assim se fecham as portas das escolas à juventude trabalhadora.

Neste quadro de ofensiva da direita contra as conquistas estudantis se insere também a acção provocatória de grupos fascistas que espalham violência e por vezes impõem efectivas restrições às liberdades democráticas nas escolas.

Porém os estudantes deram já provas de que lutaram intransigentemente pelos objectivos que há muito fizeram seus. As tomadas de posição que por todo o país se fizeram sentir contra a asfixia económica da Universidade e que passaram mesmo por formas de luta unificadas fizeram com que imediatamente, e em grande medida, o Ministério recuasse; a luta das Medicinas, muito em particular em Lisboa, é outro exemplo significativo da combatividade revelada pelos estudantes.

A UEC não pode deixar de alertar todos os estudantes para os desesperados esforços dos divisionistas de direita e de esquerdistas visando, objectivamente paralisar o movimento estudantil. No entanto, os sentimentos unitários dos estudantes vêm à superfície claramente e constituem já um traço característico das lutas em curso.

É POSSÍVEL, NECESSÁRIO E URGENTE REALIZAR PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO

A luta estudantil não pode ser uma acção defensiva em torno de conquistas parciais e pouco consolidadas nem tão pouco um somatório de operações ofensivas por objectivos desconexos.

Desde sempre a UEC esforçou-se para no debate franco, no diálogo aberto com as outras correntes políticas existentes e com largas massas de estudantes, contribuir para a definição dos grandes objectivos da luta estudantil.

A *Reforma Geral e Democrática do Ensino (RGDE)* que permaneceu durante anos como uma perspectiva de luta estudantil é agora, no presente processo de transformações profundas da sociedade portuguesa, um *objectivo a alcançar*.

A luta pela RGDE associa a acção pelas aspirações mais profundas dos estudantes, pela criação de novas condições escolares e por um novo sentido ao seu trabalho, à luta geral das massas trabalhadoras e das forças progressistas de Portugal, contra o obscurantismo a que têm sido sujeitas largas camadas do nosso povo, pela elevação do seu nível cultural, permitindo a sua intervenção directiva em todos os sectores da vida nacional.

Problemas como o das Medicinas, da superlotação das escolas, da falta de instalações das deficientes condições pedagógicas e de muitos outros com que os estudantes se debatem não serão solucionados com medidas administrativas.

Os remendos só agravam os problemas, como a prática tem demonstrado.

No entanto, esta é a perspectiva que tem presidido à acção de certas forças políticas que pretendem ser os campeões da revolução e que na sua actividade prática não passam do mais puro reformismo.

A UEC luta por transformações radicais nas escolas e por isso apresenta a perspectiva da Reforma Geral e Democrática do Ensino. Pelo mesmo motivo, a UEC combate tanto o caos, a paralização e o facilitismo, como a política de remendos, de soluções de circunstância e demagógicas.

A RGDE constitui o instrumento político essencial para a introdução de profundas transformações no panorama educativo e cultural da sociedade portuguesa. Grande objectivo da revolução democrática e nacional, a *democratização da instrução e da cultura* - a par com as nacionalizações, a Reforma Agrária e o melhoramento das condições de vida das classes trabalhadoras e do povo em geral - constitui uma das mais profundas transformações sociais que a vitória definitiva da revolução democrática e nacional assegurará para o povo português.

O MOVIMENTO ASSOCIATIVO - EXPRESSÃO ORGANIZADA DA UNIDADE ESTUDANTIL!

O movimento associativo é a expressão organizada da unidade dos estudantes.

O M.A. tem sido um meio de alcançar as conquistas até aqui efectuadas pela democratização do ensino. Mas o M.A. não pode reduzir-se, como alguns pretendem, a meras estruturas promotoras de iniciativas pedagógicas.

Nas condições da liberdade o M.A. pode e deve cobrir todos os interesses, todas as aspirações dos estudantes no campo social, pedagógico, cultural, desportivo ou de convívio.

Aos esforços do imperialismo e da reacção para perverter os estudantes através da droga e de outras formas de alienação, o Movimento Associativo tem não só de as denunciar e combater, como também tem de responder sendo um forte movimento unitário de estudantes correndo a todos os seus objectivos e aspirações, que não são, certamente, apenas políticos.

A UEC combate toda a partidarite, o sectarismo e o controle partidário das estruturas associativas, bem como aqueles que transformam as associações em sedes de grupos políticos ou em organismos mortos, completamente desligados das massas.

A UEC luta por um Movimento Associativo actuante dinâmico, correspondendo aos desejos, interesses e aspirações dos estudantes, numa palavra - verdadeiramente unitário e de massas.

Os oportunistas de direita e esquerdistas tudo têm tentado, após o 25 de Abril, para cindi-lo e desintegra-lo. No actual momento, a UEC alerta os estudantes para o *anticomunismo* que está a ser utilizado como arma de combate não só contra os comunistas mas contra o próprio M.A.

Mas as largas massas estudantis sentem cada vez mais a importância do seu movimento organizado. A experiência aí está a demonstrar que é onde existe um forte movimento associativo que a luta estudantil se desenvolve e os interesses estudantis são defendidos e garantidos. As lutas em curso nas Medicinas, em defesa da Rádio Estudantil e contra a política orçamental anti-estudantil, demonstram que assim é.

COM O MOVIMENTO OPERÁRIO E POPULAR, EM DEFESA DAS CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO!

A energia combativa dos estudantes transborda largamente a luta pelos seus interesses específicos. São parte activa e participante do imenso caudal revolucionário que é o movimento popular de massas. Por isso têm participado e continuaram a participar, com entusiasmo e combatividade, nas suas grandes batalhas e, por isso também, o seu movimento tem tido um papel positivo nas grandes conquistas da revolução.

Com a classe operária, com o povo trabalhador, com o Movimento das Forças Armadas, o Movimento Estudantil esteve no 25 de Abril, no 28 de Setembro, no 11 de Março em defesa e no alargamento das liberdades e do combate à reacção. Também agora, em que a direita fascista apresenta, com a arrogância e a brutalidade que lhes são próprias, a sua verdadeira face - o terrorismo bombista a um tempo preparativo e justificativo do golpe com que pretendem reapossar-se do poder - uma vez mais os estudantes dão a contribuição que lhes compete em todas as acções *contra o terrorismo fascista e pela defesa da ordem democrática* e de uma forma geral em toda a vasta frente de luta pela defesa do bem precioso que são as liberdades democráticas.

Com a classe operária, com o povo trabalhador, com o Movimento das Forças Armadas, nas manifestações de rua de regosijo como no duro trabalho nas herdades colectivas do Ribatejo e Alentejo, os estudantes estiveram desde a primeira hora com as nacionalizações, o controlo operário e a Reforma Agrária. Também agora - em que banqueiros, grandes industriais, agrários e aqueles que lhes fazem o jogo, manobram nos bastidores ou às claras para promover a liquidação da Reforma Agrária, a recuperação para o capital monopolista dos sectores nacionalizados ou dirigidos pelos ou com a participação dos trabalhadores - uma vez mais o Movimento Estudantil ligar-se-á solidamente ao movimento operário e popular na salvaguarda deste património da revolução, condição indispensável para a própria defesa das liberdades.

Honrando as suas tradições anti-colonialistas e anti-imperialistas, provadas nas difíceis condições do fascismo, o movimento estudantil de Portugal continuará contribuindo para o movimento progressista da juventude, estudantil e trabalhadora, à escala internacional. Num momento em que se aproxima a gloriosa data do 4 de Fevereiro a UEC reafirma, uma vez mais, a sua determinação de continuar lutando pelo imediato reconhecimento, por parte do Governo Português, da Republica Popular de Angola e do seu governo, constituído sob a direcção e em torno do MPLA.

Certa de defender as aspirações mais profundas das massas estudantis, a UEC, apesar de já hoje ser uma grande organização à escala nacional, não desconhece que existem ainda fora dela, muitos milhares de estudantes profundamente interessados na defesa e no progresso da Revolução Democrática, na alteração revolucionária do panorama do ensino e da cultura.

A esses estudantes dizemos: O vosso lugar é na União dos Estudantes Comunistas, que ficará mais rica e mais forte com a vossa energia e contribuição revolucionárias, e onde, guiados pelo marxismo-leninismo, vos tornareis obreiros activos e conscientes, da tarefa exaltante que é a construção de um novo Portugal Democrático a caminho do Socialismo!

Lisboa, 31 de Janeiro de 1976

A Comissão Central
da
União dos Estudantes Comunistas

ABM